

O pensamento ético filosófico: da Grécia Antiga à Idade Contemporânea

* Antonio Wardison Canabrava da Silva

Na história da humanidade, a reflexão filosófica sobre a ética sempre esteve presente em todas as sociedades e culturas. Ainda que não se concentrasse em um corpo organizado de princípios teóricos racionais, os valores morais já prescreviam a identidade de um ethos na história. Essa forma do saber ético, como um saber tradicional encontrado nas primeiras civilizações, prescreveu as categorias fundamentais da ética filosófica.

A Ética, que é a ciência da moral, buscou orientar a conduta do homem como um ser integrante de um Estado, de um Cosmo e de um grupo social-religioso. Essa ciência estendeu sua reflexão axiológica ao se direcionar às ciências particulares e técnicas que hoje, no século XXI, ampliou o quadro de discussões para a legitimação das normas morais, a fim de conceder um melhor convívio nos grupos sociais e planetário.

A importância da ética filosófica numa pesquisa científica concerne a uma trajetória do pensar e do agir do homem em todos os tempos. Ela expressa não somente os anseios e problemas oriundos de cada época, mas expressa a

organização política, social e religiosa de uma cultura e nação. O “comportamento moral é próprio do homem como ser histórico, social e prático, isto é, como um ser que transforma conscientemente o mundo que o rodeia”. Com isso, o estudo da ética, fundamentado na filosofia, proporciona o conhecimento holístico do ser humano, como ser de ação, racional e social.

A Ética filosófica sempre procurou orientar e encontrar soluções para os problemas básicos das relações entre os homens. Desde a Grécia Antiga à Contemporaneidade, a Ética foi discutida, elaborada e referenciada por muitos filósofos. Sócrates racionaliza a Ética e preconiza uma concepção do bem e do mal e da areté (da virtude). Em Platão, a Ética ganha fôlego na política a partir de uma concepção metafísica e da sua doutrina da alma. Assim como Platão, Aristóteles fala do homem político, social, condenado a viver na pólis. Para o estagirita, o homem deve cultivar a “justa medida”, que é o compêndio das virtudes éticas, pela qual são administrados os impulsos e as paixões. A justa medida “se traduz em um habitus e, portanto, constitui a personalidade moral do indivíduo. Aristóteles teoriza deste modo a máxima dos gregos: ‘Nada em demasia’”.

Com a decadência dos Estados gregos, a reflexão da ética filosófica toma novas direções: de uma moral da pólis para uma moral do universo. Assim, o estoicismo (representado por Sêneca e Epitelo) e o epicurismo (por Epicuro e Tito) tomam a natureza (a física) como referência para a moral.

Para o estoicismo, Deus é a “razão final” do Cosmo. Nada acontece que não esteja determinado por ele. E é para ele que todo indivíduo é destinado. Portanto, “o bem supremo é viver de acordo com a natureza, ou seja, de acordo com a razão”. Os epicuristas acreditam que o átomo é o grande ordenador de tudo quanto existe. O homem é protagonista de sua vida, pois não há

determinações divinas em suas ações. Por isso, o “bem viver” se resume na procura do prazer espiritual.

Na Idade Média, preconizada pela ruína econômica política da sociedade, a religião cristã sustenta a “unidade social” deste mundo diluído e exerce um poderio religioso-moral que irá conduzir à reflexão intelectual desta época. A filosofia cristã se baseia nas verdades reveladas para estabelecer o princípio regulador do parâmetro ético. Se antes a referência da moral era a pólis (para Aristóteles), o universo (para os estóicos e os epicuristas), agora Deus é a suprema verdade onde tudo é orientado para ele: a moral e a perfeição. Ainda que a filosofia estivesse a “serviço” da Teologia, como se acreditava, Agostinho e Tomás de Aquino resgatam a Filosofia Grega em suas vertentes platônica e aristotélica e submetem-na a um processo de cristianização.

A ética de Agostinho foi desenvolvida por uma idéia teológica nas categorias de ordem e de fim. É o marco de uma primeira reflexão filosófica cristã. A ordem é atribuída em um significado ontológico e ético que se articula à idéia de fim. Portanto, a ordem é o elemento que conduz o homem ao fim último: à plena realização. Tomás de Aquino foi influenciado por esta idéia agostiniana, e procurou desenvolvê-la na idéia de ato, pela qual se dá a perfeição do ser em sua ordem. Na Suma, Tomás de Aquino estrutura uma abordagem ética prescrita por três expoentes conceituais: a estrutura do agir ético, a estrutura da vida ética e a realização histórica da vida ética.

Na Modernidade, a Ética se estrutura dentro de uma corrente Racionalista. O homem torna-se o centro das reflexões, enquanto que a religiosidade perde prestígio diante da ciência moderna, como as ciências desenvolvidas por Galileu e Newton. O termo modernidade pode ser identificado em várias épocas, porém numa vertente conceitual da Razão, pode-se entender uma “sucessão de modernidades”, desde a Jônica no séc. VI a.C. Isto leva a situar este marco no

séc. XVII, resposta da “revolução científica galileiana e das evoluções filosóficas protagonizadas por Descartes e Hobbes, que emergem das longas preparações medievais e renascentistas”.

Na história da ética, o paradigma mecanicista conduzirá o pensamento ético até a filosofia kantiana da moral. A filosofia e a ética moderna “nascem para pensar a constituição e a estrutura cognoscitiva do sujeito capaz de assumir o novo destino histórico da razão, e de pensar a natureza da realidade”: o dever ser. Descartes (1596-1650) foi o primeiro filósofo moderno a escrever sobre a ética. Na ética antiga, o *ethos* é autônomo frente às aspirações do indivíduo, ao passo que na ética cartesiana, o *ethos* é racionalizado por um sujeito pensante.

Descartes abre o caminho para o “eu pensante”. No Discurso do Método, desenvolve questões que problematizam a reflexão ética “na proposição de uma *morale par provision* como norma de vida”. Em Kant, a ética filosófica atinge o seu auge: parte da concepção de um *factum* da moralidade, em que preconiza um sujeito individual, livre e autônomo. A “máxima” de seu postulado ético está no imperativo categórico: “age de maneira que possas querer que o motivo que te levou a agir se torne uma lei universal”. Para Hegel, “o Espírito é o indivíduo que constitui um mundo tal como ele se realiza na vida de um povo livre”. O ambiente social está constituído por uma Consciência que postula seus valores normativos. Estes valores, compreendidos na auto-consciência, compõem os elementos “ditos” para um indivíduo, ou seja, o Espírito circunscrito numa dimensão social.

A ética filosófica no mundo contemporâneo é instaurada por três paradigmas éticos: o Empirismo, voltado para a análise do psiquismo humano, de predominância do individualismo; o Racionalismo, iniciado por Descartes e desenvolvido na ótica de uma moral racional de domínio da natureza; e o Historicismo, de tradição alemã, “da qual o *ethos* é uma forma fundamental, o

campo privilegiado para o exercício da reflexão ética”. Todos estes modelos contrapõem a Ontologia tradicional, entendida numa idéia metafísica do postulado ético-moral.

Os chamados “mestres da suspeita”, Marx, Nietzsche e Freud, põem em relevo a ética filosófica tradicional construída nos moldes da metafísica. A reflexão ética toma um novo direcionamento: desenvolvido em um pathos da economia para Marx; na cultura para Nietzsche; e no psiquismo para Freud. Novas influências marcam a ética do século XX: a hermenêutica de Heidegger fundada na existência humana, sobretudo com a colaboração de Gadamer na “experiência hermenêutica” e de Ricoeur na “codificação dos símbolos”. Edmund Husserl funda uma análise fenomenológica construída na Fenomenologia da “intencionalidade”. E Sheler desenvolve a análise fenomenológica numa vertente personalista.

Com efeito, a ética contemporânea, que se instaura em contraposição ao formalismo e ao racionalismo abstrato de Kant e de Hegel, institui novas correntes que irão fundamentar o tratado ético-moral no mundo atual: para Kierkegaard, o pai do Existencialismo, a ética ocupa um estágio inferior e o homem perde a sua subjetividade. Em Sartre o homem é total liberdade, mas as escolhas não acontecem de forma arbitrária, pois uma decisão remete a um contexto social. Nos Estados Unidos, o Pragmatismo (S. Peirce é o principal representante) toma força e se difunde como filosofia do êxito e do útil. Freud (o fundador da Psicanálise) torna possível fazer um juízo moral de uma ação, ao avaliar o nível de consciência do indivíduo. No Marxismo, as teorias filosóficas da ética esboçada até aqui são colocadas em xeque. E na Filosofia Analítica (também no Neopositivismo), Moore destrói a concepção metafísica da ética em busca de uma linguagem moral.

Com o programa da linguagem moral, dois outros modelos filosóficos surgem na filosofia atual: o positivismo lógico, que marca a neutralidade moral da ciência, e a filosofia de Wittgenstein, precursora da metaética do discurso ético e moral. A segunda corrente a se instalar na linguagem moral foi a ética do discurso, desenvolvida por Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas. “A ética reivindicada em toda parte ancora dificilmente suas normas e valores em um lugar que os funde e os justifique”. Pois, diante do desenvolvimento técnico-científico do mundo contemporâneo, qual o papel da ética filosófica? Como a reflexão ético-moral pode atuar em um mundo marcado pelo vazio ético, pela crise de fundamentos e pelo niilismo?

Evidencia-se, então, que o tratado sobre a Ética filosófica sempre exerceu um marco central na vida humana social e política, e se torna ainda mais eloqüente diante das vicissitudes do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

APEL, Karl Otto. **Transformação da Filosofia II – O a priori da comunidade de comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

DELACAMPANGE, Christian. **História da Filosofia no século XX**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dário. **História da filosofia – Filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003.

RUSS, Jacqueline. **Pensamento ético contemporâneo**. Trad. Constança Marcondes César. São Paulo: Paulus, 1999.

VAZ, Henrique C. De Lima. **Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Trad. João Dell'Anna. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VILELA, Moreno. **Dicionário de pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000.

Acesso pelo BuscaLegis em: 23/04/2009